



# O ESTADO-MAIOR E SEUS OFICIAIS EVOLUÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

General-de-Exército Fernando Belfort Bethlem  
Ministro do Exército

## 1. INTRODUÇÃO

**Q**ualquer oficial que tenha cursado a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército fica a ela afetivamente ligado pelo resto de sua existência.

Na medida em que o tempo se escoar esta afetividade vai aumentando cada vez mais, estimulada pelo orgulho do oficial de Estado-Maior quando constata a certeza de suas lições e de seus valores morais e espirituais.

É por estas razões que estou muito contente e envaidecido, neste momento, retornando na qualidade de conferencista e revivendo as mesmas emoções dos vários anos aqui passados como instrutor.

Eu falarei hoje a respeito do Estado-Maior e seus oficiais — Evolução através dos tempos.

Trata-se de um assunto básico para a compreensão de nosso papel e das exigências profissionais que nos pesam sobre os ombros.

E mais ainda, a compreensão deste tema torna-se necessária na medida em que consideramos as características dos tempos modernos, tempos difíceis, quando estão sob desafio as nossas mais caras conquistas como pessoas, como sociedade e como humanidade.

Seguiremos, nesta palestra, o seguinte sumário:

1. INTRODUÇÃO

2. SÉCULO XIX

- FRANÇA: Napoleão Bonaparte
- PRÚSSIA: Helmuth Von Moltke
- PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO DOS OFICIAIS DE ESTADO-MAIOR

3. 1ª GUERRA MUNDIAL

- AFIRMAÇÃO DOS ESTADOS-MAIORES

4. 2ª GUERRA MUNDIAL

- AUMENTO REPENTINO DOS EFETIVOS
- REFLEXOS NOS ESTADOS-MAIORES

5. NO BRASIL

- CAXIAS
- GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA
- CRIAÇÃO DO ESTADO-MAIOR
- MISSÃO INDÍGENA
- MISSÃO MILITAR FRANCESA
- FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
- PERÍODO PÓS-GUERRA

6. CONCLUSÕES

## SÉCULO XIX

As origens dos Estados-Maiores se perdem nas brumas da história e no empirismo das guerras primitivas. É difícil precisar o local e a época do seu aparecimento. Entretanto, ao longo da crônica militar de diversos povos, sua existência se manifesta claramente, quer pela evolução constante das técnicas de combate, quer pelos progressos continuamente introduzidos pelos seus integrantes na organização dos Exércitos.

Com o aumento crescente dos efetivos que se empenhavam nas lutas, mesmo um gênio guerreiro não teria mais capacidade, física e intelectual, de se encarregar pessoalmente de todos os detalhes decorrentes da organização, administração, manutenção e, particularmente, das operações de um Exército em campanha.

Os Estados-Maiores foram o meio através do qual tal controle se tornou possível.

Tomarei como marco inicial deste estudo o surgimento, no cenário mundial, daquele que foi um dos maiores, senão o maior gênio guerreiro da humanidade: Napoleão Bonaparte. Sua influência sobre a doutrina e a técnica militares modernas foi mais ampla que a de todos os outros grandes comandantes de então. Com ele surgiram os Exércitos realmente nacionais.

A sua privilegiada inteligência associada à incomum capacidade de trabalho, faziam com que esse gênio da guerra dispensasse a presença de conselheiros, quando se tratava do emprego operacional das suas forças.

Sozinho, centralizava em suas mãos funções que chefes de menor envergadura intelectual delegariam de boa vontade aos seus assessores, integrantes dos respectivos Estados-Maiores.

A propósito, é válido recordar as palavras de um grande Chefe prussiano a respeito da resultante dos trabalhos dos oficiais de Estado-Maior: os resultados alcançados por uma inteligência privilegiada podem, também, ser atingidos por várias inteligências normais, trabalhando em conjunto.

Pessoalmente, Napoleão Bonaparte pouco se interessava pelo progresso da doutrina de Estado-Maior, uma vez que não tinha, no mesmo grau de outros chefes, necessidade de assessoramento. A sua importância na evolução desse órgão advém da maneira como a doutrina de estado-maior então vigente foi adaptada, desenvolvida, utilizada e melhorada pelo conjunto das forças francesas.

Ao afirmar que a arte da guerra era simples e toda de execução, o grande Corso queria dizer que o melhor planejamento de nada valeria sem uma pronta e eficiente realização pelos escalões subordinados.

Muito introspectivo, ciente e consciente do valor dos planos por ele próprio elaborados, confiando na bravura, na disciplina e na experiência dos seus comandantes, mas não nas suas iniciativas durante o combate, pois conhecia profundamente a capacidade e as limitações de seus colaboradores, Napoleão procurou reduzir ao máximo o papel dos intermediários.

Antes de uma batalha ele normalmente reunia os seus generais e lhes transmitia, de viva voz, o plano a ser executado. Não costumava distribuir Ordem de Operações. Cada comandante recebia ordens particulares, verbais ou escritas, estas últimas através do Marechal Berthier, seu Chefe de Estado-Maior.

Logicamente, a organização e o funcionamento do Estado-Maior, bem como a atuação dos seus componentes, tinham que se adaptar à sua personalidade e ao seu método peculiar de comando.

O Grande Quartel-General de Napoleão Bonaparte compreendia o Estado-Maior Pessoal e o Estado-Maior Geral.

O Estado-Maior Pessoal era constituído por Generais-de-Brigada e de Divisão designados como Ajudantes.

Em face da relevância do papel que desempenhavam durante as operações, os integrantes do Estado-Maior Pessoal eram escolhidos pelo próprio Imperador. Tamanha honra somente era concedida àqueles oficiais-generais que possuíssem, além de boa reputação militar, qualidades superiores de audácia, experiência e presença de espírito, indispensáveis ao cumprimento das importantes missões de ligação e de reconhecimento, que eram as suas principais atribuições.

Eles eram os mensageiros de confiança que levavam as ordens a grandes distâncias, não raro através de terreno dominado pelo inimigo, e realizavam conhecimentos sobre os quais o Imperador se basearia para tomar suas decisões.

Além disso, os Ajudantes deviam estar em condições de ocupar os cargos que viessem a vagar em decorrência de baixas havidas durante as operações.

O Estado-Maior Geral, sob a chefia do Marechal Berthier, apenas transmitia as ordens relativas às operações, sem, entretanto, jamais contribuir para o preparo das decisões do Imperador e, conseqüentemente, sem engajar a sua responsabilidade de órgão de assessoramento, pois Napoleão prescindia da cooperação de seus auxiliares.

A extensão até certo ponto reduzida dos campos de batalha, conseqüência direta do pequeno alcance das armas de fogo, tornava fácil para os comandos da época a supervisão do dispositivo tomado pela tropa e o acompanhamento das operações.

Cabia ao Estado-Maior Geral de Bonaparte, entretanto, importante papel no que se referia ao apoio administrativo, pelo qual era o responsável.

Apesar do brilho emprestado por Napoleão à arte da guerra, não devemos esquecer que foram os prussianos, desde os tempos de Frederico, o Grande, os primeiros a darem ao serviço de Estado-Maior, expressão que trazia em seu bojo o planejamento da guerra, a relevância que hoje se observa em todo o mundo.

A par do elevado conhecimento profissional exigido dos oficiais do Estado-Maior prussiano, tendo em vista, principalmente, o acompanhamento das operações e a possibilidade, sempre presente, de terem que sugerir mudanças ou adaptações das ordens expedidas aos Comandos subordinados, destacava-se o anonimato da sua atuação, considerado como a verdadeira essência do seu trabalho de planejamento.

O aparecimento das ferrovias e a melhoria das comunicações, particularmente com o surgimento do telégrafo, acarretaram grandes modificações na arte da guerra e exigiram, dos oficiais integrantes dos Estados-Maiores, profundas reformulações de conceitos.

O Exército alemão dispôs, nessa época, do homem certo: Helmuth Von Moltke, o Velho.

Enquanto os Marechais de Napoleão eram instrumentos de um chefe que exigia obediência irrestrita, jamais dando atenção ou respeitando as individualidades

ou a capacidade pessoal, os subordinados de Moltke eram instruídos para pensar e transmitir suas idéias, debatendo-as com toda liberdade.

Deve-se a Moltke o desenvolvimento do método das Diretivas Gerais, que dava aos comandantes subordinados a necessária e indispensável autonomia para poderem exercitar e desenvolver a sua própria iniciativa.

Chegou mesmo a afirmar, certa feita, que "a vantagem que um comandante pensa obter, através de intervenções continuadas e pessoais, é muito ilusória. Agindo assim, ele assume encargos que pertencem a outros, cuja eficiência é então destruída. Além do mais, multiplica suas próprias tarefas a ponto de não poder resolvê-las".

Confiando em si, Moltke confiava nos outros.

E, devido ao seu forte senso de responsabilidade, comunicava este sentimento aos seus subordinados, transformando-os em uma geração de insígnies oficiais de estado-maior, que se distinguiam por um alto valor moral e pela simplicidade de suas vidas.

Esses homens passaram a constituir um grupo unido e coeso em torno da doutrina militar alemã de então e tiveram grande influência no Exército, uma vez que quase todos os grandes comandos estavam sendo exercidos por oficiais oriundos da Escola de Estado-Maior.

Por outro lado, na França, já ao final do século passado, os chefes militares sentiram a necessidade de dar ao Exército um elevado instrumento de formação militar, convictos de que a ciência da guerra só se ensina metodicamente, porque mais do que qualquer outra atividade, a própria guerra exige método, já que o número de fatores que devem ser levados em conta, sem esquecer um sequer, sob pena de fracassar, aumenta incessantemente.

Foi, então, criada a Escola Superior de Guerra, para formação de oficiais de Estado-Maior, destinada a oficiais subalternos.

A admissão, já naquela época, era feita mediante concurso.

Seu programa de ensino previa o estudo e a análise das possíveis soluções a serem dadas aos diversos problemas que poderiam surgir em uma situação de guerra, procurando desenvolver nos futuros oficiais de Estado-Maior, no mais alto grau, os valores morais de suas personalidades, além de obrigá-los a decidir no terreno.

Observa-se, desta forma, a grande preocupação dos altos escalões com a formação dos oficiais de estado-maior. Todo esforço era feito a fim de proporcionar-lhes a mais completa e aprimorada instrução técnico-profissional. Segundo o General Dufourt, os altos chefes militares franceses estavam conscientes de que a grandeza de um comandante dependia, em larga escala, do emprego que ele soubesse fazer do seu Estado-Maior.

Buscava-se, simultaneamente, a ampliação das suas bases culturais, a fim de torná-los capazes de acompanhar e participar do vertiginoso progresso científico-

tecnológico, cujos reflexos, sobre o campo militar, já vinham se fazendo sentir, desde há algum tempo, de forma bastante efetiva. Pois é sabido que as épocas de ciência e de cultura são também épocas de progresso para a doutrina militar.

Já estava muito longe o tempo em que o comandante tinha o domínio visual completo do campo de batalha.

A modernização do armamento obrigou à dispersão.

E esta, exigia homens de grande descortino, iniciativa e bem desenvolvida capacidade de análise.

Todavia, apesar dos avanços, nem tudo foi fácil ao longo da ascendente trajetória de afirmação do Estado-Maior e os oficiais que o compunham nem sempre foram bem aceitos pelos demais companheiros de caserna.

O Marechal Wrangel declarou certa feita que o Estado-Maior alemão era inteiramente desnecessário e constituía uma vergonha e uma desgraça para um Marechal prussiano ter um punhado de escreventes incapazes sob as suas ordens.

## 1ª GUERRA MUNDIAL

Foi durante esta conflagração, a primeira de caráter realmente mundial, mobilizando vários milhões de homens e um sem-número de nações, que se verificou o pleno funcionamento dos Estados-Maiores, particularmente o alemão, destacando-se a eficiente atuação da dupla Hindenburg-Ludendorff.

Durante os quatro anos de guerra aconteceram fatos que comprovaram o acerto das medidas adotadas pelos países beligerantes, visando à melhoria da formação intelectual e profissional dos oficiais de Estado-Maior.

Pela primeira vez ocorreram interferências diretas de oficiais de Estado-Maior nas operações dos grande escalões de comando.

Estes oficiais eram mandados às frentes de combate como observadores dos Grandes Quartéis-Generais e dispunham de autoridade suficiente para, caso julgassem necessário, sugerir "in loco" modificações nas manobras em execução.

Como exemplo, citaremos o caso do Tenente-Coronel HENTSCH, Chefe da Seção de Informações do Grande Quartel-General Alemão.

Para bem compreendermos a atuação desse Oficial nas operações levadas a efeito por dois Exércitos de Campanha Alemães e os reflexos sobre a Primeira Grande Guerra como um todo, faz-se mister um exame da situação no período de cinco a dez de setembro de 1914.

O plano germânico, historicamente conhecido como Plano SCHLIEFFEN, consistia, entre outras ações, na invasão da França pelo Nordeste, através da Bélgica e do Luxemburgo.

No começo de setembro de 1914 esse Plano estava em plena execução. A Alemanha havia cruzado a fronteira com cinco Exércitos de Campanha.

Os primeiro e segundo Exércitos constituíam a ala direita do ataque alemão e deveriam envolver Paris por oeste. Eram as forças que inicialmente dispunham de maior poder de combate.

As vitórias fáceis do início da campanha criaram na opinião pública alemã e, particularmente, no Grande Quartel-General Alemão, por demais afastado da frente, um clima de euforia que resultou na roçada de várias Grandes Unidades para outras frentes e, conseqüentemente, na diminuição da potência da ala direita, responsável pelo esforço principal da invasão. Ocorreu também, por simples sugestão do Comandante de um dos Exércitos, a mudança da direção do ataque da ala direita, abandonando-se a idéia inicial de envolver Paris por oeste.

Talvez por deficiência de coordenação das ações dos Primeiro e Segundo Exércitos, surgiu entre eles uma brecha, que logo passou a ser aproveitada pelos franceses.

Por outro lado, o flanco direito do ataque alemão ficou exposto à ação das tropas inicialmente destinadas à proteção da capital francesa, agora livres para atuarem sobre os invasores.

Mandado à frente de combate como observador do Grande Quartel-General Alemão, o Tenente-Coronel HENTSCH fez uma análise da situação geral e, em conseqüência, com a autoridade que lhe havia sido delegada pelo Chefe do Estado-Maior, General Moltke, o Moço, sugeriu aos comandantes dos Primeiro e Segundo Exércitos uma parada na ofensiva e o retraimento de suas forças, por medida de prudência.

A sugestão foi feita e aceita apesar das condições favoráveis em que a batalha vinha se desenvolvendo, do razoável poder de combate ainda disponível e da proximidade em que se encontravam os elementos da vanguarda alemã da parte leste de Paris.

A delegação de autoridade obviamente significa confiança na ação e nos conhecimentos profissionais dos assessores. Para estes, resulta em enorme aumento de responsabilidades no planejamento e na condução das operações.

Não nos cabe, evidentemente, fazer aqui e agora o julgamento da decisão do Tenente-Coronel HENTSCH nem, muito menos, do General MOLTKE, Chefe do Estado-Maior Alemão, que tanta autoridade pôs em suas mãos.

O nosso objetivo é mostrar que a sua intervenção na manobra alemã, sob o ponto de vista da História, representou uma das primeiras, senão a primeira afirmação do Estado-Maior e se constituiu em demonstração de confiança do Chefe na ação e na formação dos seus assessores, bem como no conhecimento que estes tinham das idéias e intenções do Comando Supremo, condição essencial ao pleno desempenho do trabalho de assessoramento.

## 2ª GUERRA MUNDIAL

A 2ª Guerra Mundial teve profundas repercussões no Brasil, como de resto em todo o Mundo.

Dela participamos ao lado dos aliados, cujo país líder eram os Estados Unidos da América.

Em conseqüência, fomos aos poucos abandonando a influência francesa, como já o tínhamos feito com a alemã, e aceitando a norte-americana, trazida não somente pelos oficiais mandados aos Estados Unidos para fins de cursos, como pela presença, entre nós, de uma Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos.

A organização da Força Expedicionária Brasileira e a sua atuação na Europa, integrando um Exército Aliado, consolidaram essa influência.

Convém não esquecer, como um dado suplementar importante, que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos sempre foram estreitas e muito cordiais desde os tempos de Primeiro Império.

Sobre os Estados-Maiores em geral, a Segunda Grande Guerra provocou, como não poderia deixar de ocorrer, sensíveis e compreensíveis transformações.

Exércitos relativamente pequenos foram repentinamente ampliados com a mobilização de vários milhões de homens.

Por falta de condições para a formação, em curto prazo, de oficiais de Estado-Maior em número necessário, os Exércitos combatentes tiveram necessidade de apelar para elementos da reserva, comissionando-os nos diferentes graus da hierarquia militar e dando-lhes, por meio de rápidos cursos de atualização, a especialização militar necessária ao desempenho de funções específicas nos diferentes Estados-Maiores.

Durante este conflito foram levadas a efeito operações que proporcionaram aos estados-maiores oportunidades para a realização de trabalhos do mais alto nível.

A título de ilustração citaremos dois fatos que retratam, de forma insofismável, a capacidade de planejamento de um Estado-Maior e o grau de interação existente entre o Comandante e os seus assessores imediatos.

A primeira delas envolveu o célebre Terceiro Exército norte-americano comandado pelo não menos conhecido General Patton.

Durante a contra-ofensiva alemã nas Ardenas, uma força aliada bastante potente, inclusive com a 101ª Divisão de Pára-quedistas, ficou cercada na região de Bastogne, no leste da França.

Convocado pelo General Bradley, Comandante do Grupo de Exércitos, para uma reunião, o General Patton teve a intuição de que lhe seria dada a missão de socorrer aquelas forças.

Assim, antes de atender a convocação, reuniu o seu Estado-Maior e estudou com ele um plano que lhe permitisse, apesar de estar atacando na direção geral Leste, romper o contato e ficar em condições de atuar, no menor tempo possível, na direção Norte.

A reunião com o Estado-Maior, segundo o próprio General Patton afirma em seu livro *A GUERRA QUE EU CONHECI*, durou apenas uma hora.

Estava-se a 19 de dezembro de 1944. Perguntado pelo General Bradley quanto tempo necessitaria para executar a mudança da sua frente de ataque para o Norte, Patton informou-lhe precisar de apenas três dias. No dia 22 estaria em condições de atacar o flanco esquerdo alemão na direção Norte.

Comentando este fato, cuja complexidade os senhores estão em muito boas condições para avaliar, o General Patton diz que ele só foi possível graças à eficiência do seu Estado-Maior e à qualidade superior dos oficiais que o constituíam.

Segundo o General Bradley, mais de cento e trinta e três mil carros de combate e viaturas de todos os tipos tomaram parte nesta marcha forçada de 24 horas, pelas estradas geladas do leste da França.

A rapidez com que o Terceiro Exército deslocou suas tropas para o Norte assombrou a todos os aliados.

A propósito, o próprio General Bradley afirma em seu livro HISTÓRIA DE UM SOLDADO, o seguinte: "Se bem que a mobilidade tenha sido a arma secreta que derrotou Von RUNDSTED nas Ardenas, deve-se sua eficácia ao excelente resultado dos ensinamentos ministrados aos oficiais de estado-maior do exército norte-americano."

A outra operação, exemplo típico de planejamento de Estado-Maior em todos os níveis, foi o desembarque aliado na Normandia no dia 6 de junho de 1944.

À grandiosidade dos números somaram-se as dificuldades inerentes ao tipo e à natureza dessa operação — um assalto anfíbio realizado por uma força constituída por diferentes nacionalidades, cada qual trazendo como ingrediente importante para a interação de todos, os costumes e inclinações que sempre influenciam os homens e as organizações.

Para um oficial de Estado-Maior, esse é um caso histórico bastante interessante.

Nele pode-se genericamente imaginar a importância do trabalho de um Estado-Maior moderno e as exigências de natureza profissional, cultural, física e moral que pesam sobre os seus membros, quando envolvidos em situações semelhantes.

Como sempre, tudo tem início na Missão: "Invadir o continente europeu e, em coordenação com outras nações aliadas, empreender operações visando ao coração da Alemanha e à destruição de suas Forças Armadas."

Eis a tarefa a ser levada a cabo pelo General Eisenhower, constante da "Diretriz ao Comandante Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas" do dia 12 de fevereiro de 1944.

Os grandes problemas tiveram início na própria constituição dos comandos operacionais, quando entraram em jogo fatores de natureza política.

Na constituição dos estados-maiores valorizou-se a inteligência, o tato, a firmeza de atitudes e o aprofundado conhecimento profissional baseado na experiência de cada oficial.

Os problemas táticos e de apoio administrativo eram típicos de um Estado-Maior:

- Conhecimento do terreno e das condições meteorológicas;
- Avaliação das possibilidades do inimigo;
- Seleção de uma frente onde seria realizado o assalto anfíbio;
- Estabelecimento de objetivos da cabeça de praia;
- Transporte e suprimento;
- Coordenação de forças de diferentes tipos e naturezas;
- Informação e contra-informação, e muitos outros.

Os senhores bem podem imaginar também os problemas de pessoal, de ajustamento, de assuntos civis e governo militar surgidos no planejamento e na emecução das operações militares.

Tais problemas, como é natural, exigiam do oficial de Estado-Maior a habilidade e o tirocínio para tratar com especialistas e assessores civis do mais alto nível, além de uma sólida cultura geral.

Este caso histórico, recomendável à meditação dos senhores, mostrou, sobretudo, a complexidade de uma operação interaliada e apontou a necessidade do estudo e do aprimoramento do moderno oficial de Estado-Maior, cujos sólidos conhecimentos profissionais devem ser ornados por uma personalidade ajustada e complementados por uma cultura geral aprofundada.

## NO BRASIL

No caso brasileiro tomarei como marco inicial o período histórico assinalado pela guerra da Tríplice Aliança, particularmente o comando de Caxias.

As razões, entre outras, são as seguintes: em primeiro lugar, aquela foi a maior guerra de que participamos, exigindo da nação um enorme esforço para que fosse levada a bom termo; em segundo lugar, Caxias foi, indubitavelmente, um dos maiores e mais bem preparados militares do seu tempo. Sua atuação nas campanhas internas e externas foi realmente brilhante, nada ficando a dever aos grandes chefes guerreiros de outros países.

Para comprovar essa afirmativa, que à primeira vista parece impregnada de grande dose de ufanismo, desejo recordar sua atuação durante a fase daquela guerra conhecida como dezembrada.

O ambiente era o então formidável conjunto defensivo Piquiciri-Angustura, que deveria ser conquistado.

Para solucionar o problema, três grandes linhas de ação foram concebidas por Caxias, Comandante-em-Chefe das forças aliadas, que, por inexistir o trabalho de Estado-Maior nos moldes em que hoje é conhecido, as discutia com os oficiais-

generais subordinados, em reuniões que passaram à história com o nome de Conselhos de Guerra.

A primeira dessas linhas de ação seria enfrentar e romper, desde logo, a posição fortificada do Piquiciri, fazendo, assim, o que os defensores desejavam.

A segunda, seria procurar um desbordamento pela direita e continuar fazendo o que se esperava que os aliados fizessem.

Finalmente, a terceira, que seria lançar-se audaciosamente através do Chaco, tentando o nunca tentado, vencendo o até então nunca vencido e, desta forma, obtendo a surpresa.

Caxias, com o descortino que o caracterizava, aceitou o desafio. Atravessou o Rio, construiu uma estrada e lançou-se com cerca de dezenove mil homens através do Chaco, obtendo a mais completa surpresa estratégica e forçando a aceitação do combate onde não era esperado nem desejado.

Ficou, assim, bastante difícil à defesa, opor-se à manobra aliada, pois:

- quando se esperava que Caxias tentasse o ataque frontal ou o desbordamento pela direita, ele lançava suas forças pela esquerda;
- quando se esperava um desembarque no centro do dispositivo, Caxias desembarcava bem mais ao Norte;
- quando se esperava um prosseguimento para a capital, ao Norte, ele se lançava para o Sul;
- quando se acreditava destruí-lo em uma grande e sangrenta batalha, fora ele o vitorioso;
- quando se antevia seu ataque, partindo do Norte, sobre a forte linha Piquiciri-Angustura, Caxias determinava o antes esperado e agora já esquecido ataque frontal pela Brigada Paranhos.

Da análise dessas campanhas pode-se resumir o pensamento militar do Duque de Caxias em:

- Rapidez e iniciativa;
- Manobra de ala com envolvimento, sempre que possível, dos dois flancos. Em suma, ação indireta;
- Multiplicidade de ameaças, provocando incertezas e uma forte pressão moral nos defensores;
- Manutenção, a todo custo, da liberdade de movimentos;
- Combater, não apenas para destruir as forças imediatamente à frente e sim para alcançar um objetivo maior.

Quase cem anos após esses feitos das armas brasileiras, LIDELL HART, o mais lido, citado e acetado teórico do pensamento militar do nosso tempo, diz o seguinte, em sua obra "STRATEGY", livro de cabeceira dos grandes condutores de homens da atualidade:

"A História da Estratégia é, fundamentalmente, um registro da aplicação e da evolução da ação indireta.

Quando, no decorrer dos estudos de uma longa série de campanhas militares, percebi, pela primeira vez, a superioridade da ação indireta sobre a direta, estava apenas à procura de luzes sobre estratégia. Após maior reflexão, entretanto, comecei a verificar que a ação indireta tinha uma aplicação muito mais ampla — que era norma de vida em todas as esferas, uma verdade filosófica.

Em estratégia, nem sempre a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos.

Na maioria das campanhas, o desequilíbrio físico e psicológico do inimigo foi sempre uma preliminar vital para uma bem sucedida tentativa de vitória. Esse desequilíbrio tem sido obtido mediante uma ação estratégica indireta, intencional ou não, que pode tomar formas diversas."

É justa, portanto, a conclusão de que o Duque de Caxias foi um dos mais insígnies Chefes Militares da sua época, adiantado em relação à maioria dos seus contemporâneos e dotado de particular sensibilidade estratégica.

Tal conclusão é reforçada pelo fato, bastante conhecido de todos, de que o Estado-Maior de então, no Brasil como no mundo, era constituído por oficiais que, em geral, nenhuma interferência tinham na montagem e no acompanhamento das operações.

Estas eram fruto da concepção do Comandante-em-Chefe, que as discutia com os comandantes subordinados, quase sempre no próprio campo de batalha, em reuniões conhecidas como Conselhos de Guerra.

Ainda em apoio à conclusão de que Caxias era um homem culto e dos mais proeminentes, podemos citar os seguintes fatos relacionados com Chefes Militares de outras nações, fora da América do Sul:

- Nos Estados Unidos da América, no século passado, somente os generais Lee e "Stonewall" Jackson tiveram, durante a Guerra de Secessão Americana, idéias semelhantes;
- Moltke, em 1870 na Alemanha, Foch, na França em 1918 e até Eisenhower, na década de quarenta, tiveram problemas ao optarem por ações diretas, enquanto generais como Patton, Guderian, Montgomery, Mac Arthur, Von Manstein, Von Rundsted e Rommel têm suas manobras estratégicas indiretas contadas e admiradas pelos estudiosos, justamente pelos apreciáveis resultados que alcançaram.

A par disso, mesmo um leigo fazendo uma comparação simplista encontrará semelhanças na concepção, nos objetivos e nos resultados alcançados por Caxias, no século passado e por estes grandes Chefes Militares nos nossos dias.

Embora não houvesse naquela época um Estado-Maior organizado nos moldes como hoje se conhece, já existiam na organização do então Ministério da Guerra as Repartições do Ajudante-General e do Quartel-Mestre-General. Aquela,

tratando das questões concernentes à instrução e à disciplina e esta, dos aspectos relativos ao apoio logístico.

A organização geral do Exército, por falta de um órgão apropriado, resultava de pareceres ou sugestões apresentados por um certo número de oficiais que, por determinação ministerial, pessoalmente ou em comissão, estudavam o assunto.

À época da proclamação da República, entretanto, em que pese a apatia reinante no meio militar com relação aos assuntos profissionais, tem início um sopro de modernização, caracterizado pelas facilidades criadas para o aperfeiçoamento de oficiais na Europa, particularmente na Alemanha, e pela reforma do ensino militar.

A Escola Militar já formava, por essa época, oficiais de Estado-Maior em um curso de quatro anos, diferente da formação dada aos oficiais das Armas, cujos cursos eram mais reduzidos.

Verifica-se, desde então, o interesse e o cuidado dispensados à formação cultural do oficial de Estado-Maior.

Em 1896, consolidada a República havia pouco proclamada, ocorre a criação do Estado-Maior do Exército, verdadeiro marco da reação contra a apatia que se seguiu à guerra do Paraguai.

Logo extinguiu-se a Repartição do Ajudante-General e o Estado-Maior tornou-se uma realidade sob a chefia do General-de-Divisão JOÃO THOMAZ CANTUÁRIA.

Era o reencontro do Exército com a evolução histórica da guerra.

A criação da Escola de Estado-Maior, em 1905, assinalou o ponto culminante desse período de verdadeira ressurreição do espírito militar.

A Missão Indígena desempenhou nessa época um relevante papel na formação e aperfeiçoamento dos instrutores e professores das nossas Escolas Militares, muito contribuindo para a elevação do nível profissional do militar brasileiro.

Apesar disso, no entanto, ainda não tínhamos uma doutrina militar nem a experiência dos grandes centros e escolas modernas.

A Missão Militar Francesa preencheu a lacuna existente, trazendo para o Brasil aquilo de que muito necessitávamos: conhecimentos exatos da guerra e de sua preparação.

Foi ela a grande inspiradora das transformações feitas na Força Terrestre do Brasil a partir da 1ª Guerra Mundial.

O General Tasso Fragoso, quando na chefia do Estado-Maior do Exército atestou, de forma entusiástica, conforme se observa das palavras abaixo, a ação da Missão Militar Francesa em nossa cultura profissional-militar:

"Seus antigos professores (referia-se à Escola de Estado-Maior), verdadeiros autodidatas, buscavam nos livros, com louvável empenho, o ensino que deviam transmitir aos alunos, mas falariam de operações a que na verdade nunca haviam assistido.

Que diferença, senhores, com os mestres franceses.

Estes, além da preparação teórica escolar, tinham vivido o drama da guerra, labutando anos a fio na conquista da vitória definitiva para os aliados.

Por isso o ensino que nos proporcionam tem um sinal de realidade impressionadora e convincente.

Devemos confessar, com absoluta lealdade e sem o mínimo vexame, que só aprendemos realmente o serviço capital de Estado-Maior, isto é, a arte de dirigir tropas e de provê-las, depois que a missão nã-lo ensinou."

Assim, terminou o que poderíamos chamar de fase pioneira da nossa evolução militar.

O Exército Brasileiro passou, desde então, a buscar seus próprios caminhos, procurando desenvolver e consolidar uma doutrina militar ajustada às peculiaridades e às realidades de nossa terra e de nossa gente.

Dal por diante passamos a enfatizar a necessidade de uma adequada e metódica formação cultural, profissional e moral dos oficiais de Estado-Maior, a fim de proporcionar-lhes melhores condições para conhecerem, objetiva e amplamente, a situação nacional e compreenderem a conjuntura mundial, ambas de grande importância para o preparo da nossa instituição com vistas ao cumprimento de suas finalidades.

A propósito do cuidado e da atenção que a formação do oficial de Estado-Maior merecia, desde o seu início, dos altos escalões do nosso Exército, é válido citar aqui alguns tópicos de um Relatório apresentado em 1919 ao Ministro da Guerra pelo General MALAN d'ANGRONE. Após algumas considerações gerais sobre seleção e formação dos quadros, diz aquele ilustre chefe militar:

"Deve-se apartar, de todas as armas, o mais cedo possível, os oficiais que estarão em condições de ser oficiais de Estado-Maior.

O critério ultimamente seguido não podia dar resultado. Não podia haver seleção e os diplomados não ofereciam todas as garantias de idoneidade. Inexistia, por outro lado, a preocupação de desenvolver, de continuar a instrução pessoal.

A formação dos quadros e principalmente a de oficiais de Estado-Maior é uma das mais importantes questões na organização do Exército."

## **Força Expedicionária Brasileira**

Na verdade, foi a Força Expedicionária Brasileira que nos proporcionou a primeira experiência prática de funcionamento de um Estado-Maior moderno.

Durante esta experiência tivemos que nos adaptar aos diferentes métodos e processos de um Exército enquadrante, pertencente ao país que liderava a condução da política e da estratégia do conflito: os Estados Unidos da América.

O funcionamento dos Estados-Maiores norte-americanos em campanha refletia o espírito objetivo, prático e dinâmico daquele povo, onde a inteligência do

conjunto era realizada sem prejuízo dos valores pessoais e do inalienável direito do chefe de tomar as suas decisões. Espírito este que exigia ampla participação das capacidades individuais em proveito de um conjunto ou de uma missão, sob a responsabilidade intransferível de um dirigente.

Era, em síntese, o subproduto do espírito reinante naquele país desde as suas origens, responsável, inclusive, pelo seu extraordinário progresso.

Ao iniciar a Segunda Guerra Mundial o nosso Exército refletia a situação do Brasil.

Possuía valores intelectuais próprios, hábitos, métodos e processos diferentes daqueles que teríamos de assimilar em poucos meses, simultaneamente com os pesados encargos de preparar uma Divisão Expedicionária para a luta na Europa.

Todo o processo de preparação dessa Força, como não poderia deixar de ocorrer, foi influenciado pelo caráter nacional brasileiro, obviamente bastante diverso do norte-americano, que inspirara o pragmatismo dos novos métodos.

Não se pode negar que aconteceram retardos e até mesmo certas distorções na organização e na preparação da Força Expedicionária.

O próprio Marechal Mascarenhas de Moraes, seu saudoso Comandante, reconheceu a existência desses senões.

Eram inteiramente outros o clima, o armamento, o equipamento, o uniforme e a alimentação, bem como os requisitos de preparo técnico-profissional de numerosas categorias de especialistas, criadas como exigência da guerra moderna.

É mister não esquecer as condições existentes no Brasil na década de quarenta e a falta de experiência do nosso Exército em operações fora do Continente.

As comunicações e os transportes entre os Estados brasileiros eram lentos e difíceis; a higidez da população deixava a desejar, o mesmo acontecendo com o seu índice de alfabetização.

Somando-se tudo isso à necessidade de se adaptar os métodos e processos franceses aos americanos e à desconfiança com que certos escalões do Governo Brasileiro e mesmo alguns militares viam a aproximação com os Estados Unidos da América, torna-se fácil compreender as dificuldades vencidas pelos Chefes militares de então.

Neles, por um agradável dever de justiça, reconhecemos os méritos pelos esforços realizados com vistas ao preparo, deslocamento e emprego, pela primeira vez, de uma força brasileira em área extracontinental.

A realização, por inúmeros oficiais, de cursos e estágios militares nos Estados Unidos, muito facilitaram a adaptação aos modelos do Exército Americano, com o qual iríamos fazer a guerra na Europa.

Apesar dos óbices, o Estado-Maior brasileiro demonstrou grande flexibilidade e notável capacidade de adaptação, características que muito enaltecem o

trabalho cuidadoso e metódico desta Escola, já que os integrantes daquele Estado-Maior foram formados, como tal, nos bancos escolares desta Casa.

Entretanto, por mais realista e por melhor adequado que seja o ensino, há necessidade de completá-lo com a prática, em tempo de paz, para aplicá-lo em toda a sua plenitude, em período de guerra.

As circunstâncias da campanha da Itália e a dura realidade dos fatos convenceram os oficiais de Estado-Maior a abandonarem os academicismos e a valorizarem a simplicidade e a objetividade, princípios que reputo de fundamental importância e cuja aplicação deve ser explorada ao máximo nos trabalhos escolares.

A guerra deixou evidenciadas algumas qualidades necessárias ao bom desempenho de um oficial de Estado-Maior.

Entre elas, desejo realçar as seguintes:

- Competência profissional
- Equilíbrio emocional
- Espírito de equipe
- Disciplina intelectual
- Lealdade.

É importante observar, finalmente, que o contato com outros Exércitos contribuiu, de forma sensível, para ampliar a experiência de guerra de nossos oficiais de Estado-Maior.

Além da parte essencialmente profissional, o desempenho do Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira mostrou, paralelamente, outros importantes aspectos.

Um deles diz respeito à escolha dos integrantes do Estado-Maior da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária (aqui prefiro falar de Divisão de Infantaria Expedicionária) que se baseou no critério dos valores individuais.

Escolheu-se, acertadamente, a melhor "prata da casa" para cada seção do Estado-Maior.

O Comandante da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, General Mascarenhas de Moraes, por sua vez, relativamente pouca interferência teve na escolha de seus auxiliares.

Tratava-se de uma situação totalmente nova e a maioria dos nossos oficiais tinha pouca experiência dos trabalhos de Estado-Maior em tempo de guerra.

O próprio General Mascarenhas em suas Memórias afirmou que, de início, o seu Estado-Maior não compreendeu bem o valor do trabalho em equipe, pois alguns dos valores exponenciais escolhidos nem sempre estiveram em harmonia.

Até mesmo a coordenação dos trabalhos deixou a desejar em certas ocasiões.

O trabalho de estado-maior é, por excelência, um trabalho conjunto, de equipe.

Desta verdade basilar e bastante conhecida dos senhores, é possível depreender-se outras verdades.

Assim:

- O oficial de Estado-Maior deve desenvolver sua sociabilidade e sua capacidade de trabalho em equipe, sem, entretanto, anular a sua capacidade individual.
- O desempenho de um Estado-Maior em campanha está relacionado com a interação de seus componentes, cabendo ao seu Chefe manter a harmonia entre eles.
- Todos os oficiais de um Estado-Maior devem trabalhar de acordo com o pensamento do comandante, empregando o máximo das suas potencialidades individuais.
- A coordenação dos trabalhos de um Estado-Maior é tarefa relevante e dela depende o desempenho do órgão.

É o papel do Chefe do Estado-Maior.

As críticas decorrentes da evidência dos fatos não significam, absolutamente, que o Estado-Maior da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária tenha apresentado um trabalho deficiente.

Muito pelo contrário, a grandiosa tarefa que executou nos deixa orgulhosos do preparo e da capacidade do homem brasileiro.

Durante aqueles duros meses de guerra o Estado-Maior da nossa Força Expedicionária exerceu, incansavelmente, o seu importante papel.

No curso das operações na Itália a 3ª Seção do Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira constituiu-se em um dos seus destaques.

Nela estava o então Tenente-Coronel Castelo Branco, que pela capacidade de trabalho, conhecimento profissional, disciplina intelectual, caráter, inteligência e probidade, pode ser considerado um exemplo de moderno oficial de Estado-Maior.

São do Marechal MASCARENHAS DE MORAES, em seu livro "A FEB PELO SEU COMANDANTE", as seguintes palavras relativas à 3ª Seção do Estado-Maior:

"Nesse conflito de paixões, que a guerra provoca e alimenta, a Seção de Operações do Estado-Maior Divisionário, chefiada pelo Tenente-Coronel HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, portou-se à altura de suas responsabilidades, sem destas nunca se eximir, proporcionando ao Comandante da Força Expedicionária Brasileira os dados da decisão, pela qual se fez responsável esse chefe, tanto nas ações frustradas da defensiva agressiva, como nas que se coroaram de brilhantes vitórias nas ofensivas de fevereiro a abril de 1945."

Terminada a Segunda Guerra Mundial começou para o Brasil uma nova fase, caracterizada, no plano militar, por uma ...ior adaptação aos métodos e processos trazidos da recente campanha empreendida pela Força Expedicionária Brasileira.

O Estado-Maior do Exército e a ECEME dedicaram-se com afinco à consolidação e ao aproveitamento das experiências e ensinamentos que a participação dos brasileiros naquela campanha e a convivência com outros Exércitos proporcionaram, com vistas à guerra convencional.

O General francês Dufourt, referindo-se à importância dos Estados-Maiores e ao preparo dos seus integrantes, disse certa feita o seguinte:

"Se a história mostra a importância do Estado-Maior, ela mostra também que, para cumprirem sua missão, os oficiais que o compõem devem ser superiormente instruídos.

Só têm o direito de se orgulharem de sua missão e de seu título se forem dignos deles, isto é, se adquirirem a instrução necessária e se trabalharem sem cessar para conservá-la e desenvolvê-la."

Foi o Marechal Castelo Branco que, como subcomandante e subdiretor de ensino à época do comando do Marechal Tristão de Alencar Araripe, com a clarividência e o descortino que lhe eram peculiares, transformou por completo o ensino até então ministrado na ECEME, modernizando-o e adaptando-o às nossas realidades.

Em reconhecimento aos seus méritos, a turma de 1948, da Escola, prestou-lhe significativa homenagem, durante a qual lhe foi possível expender conceitos de grande profundidade e importância sobre a ação do oficial de Estado-Maior, como se pode verificar dos seguintes trechos do seu discurso de agradecimento:

"A tarefa transformadora da turma apenas começa. Tomará vulto quando seus componentes estiverem nos postos de Estado-Maior e na tropa, lutando em benefício do Exército.

A turma deve lembrar-se, então, do pensamento de um velho soldado encarregado de renovar as forças criadoras de sua classe: De começo ele filosofou em torno de três coisas contra as quais o espírito humano luta em vão: a tolice dos homens, a burocracia e as fórmulas feitas. Quanto à tolice humana, reconheceu que a luta com a qual se procura vencê-la é sem esperança de vitória. Declarou-se completamente batido na luta contra a burocracia militar. E disse, porém, que empreenderia, no domínio da profissão das armas, decididamente, a luta contra as fórmulas feitas.

Essa a luta que está à espera da turma.

As fórmulas feitas, encerrando aparentemente uma legenda ou um pensamento, cobrem a ausência de idéias e a inação. Vêm a ser, por outro lado, o escudo da rotina. 'Não vos intimideis, nem recueis.' Se levantarem a barreira do amor ao

passado, não vos esqueçais que a nossa tradição é, ao contrário, a base de nossa evolução e não da estagnação.

Quebrai a fórmula de que, por um falso determinismo geográfico e histórico, só devemos estudar a chamada GUERRA CRIOLA, com combatentes e chefes improvisados, na base da velocidade de muares e cavalos. Demonstrei a fraqueza da fórmula de que as estradas e a rudeza dos terrenos sul-americanos paralisam os meios e dominam a vontade do homem. Vencei a fórmula da única possibilidade de guerra defensiva. Arredei a fórmula de que só se deve planejar com os recursos existentes, fazendo a demonstração de que, dessa maneira, será perpetrado o haraquiri pela própria nação. Dominei a fórmula de que a guerra será inevitavelmente no interior de nossas fronteiras. Afastei a fórmula de que a participação do Brasil numa guerra mundial é uma cogitação teórica. Removi a fórmula de que não é para nós a batalha anfíbia e a batalha aeroterrestre.

E tereis idéias e energia para trabalhar e dar o exemplo.

Mas não façais a demolição das fórmulas feitas com obra de imaginação. Deveis preferir a visão concreta dos problemas militares em vez das sentenças abstratas dos cômodos doutrinadores de Estado-Maior. Deveis ter bem presente que um plano não tem nenhum valor próprio, e o único valor que se lhe pode atribuir é o relativo, por se relacionar com a execução. Concepção e execução só são independentes para se definir responsabilidades."

Anos mais tarde, no exercício do importante cargo de Comandante da ECEME afirmava:

"O valor dos estudos na Escola de Estado-Maior do Exército não está no muito que o oficial faz como aluno e sim, no muito que vai realizar depois. O seu diploma só tem valia se valimento houver no desempenho que deve o oficial dar às funções que este documento lhe confere.

Na Escola, durante os três anos de curso, o oficial deu o exemplo de que o primado da profissão pode e deve dominar na mentalidade e na ação do oficial. O oficial diplomado terá, com redobrado vigor, que conservar esse ânimo e esse cometimento. Seu espírito militar e seu trabalho poderão até mesmo constituir a contenção do desfalecimento de alguns e da deserção de outros que, conservando-se na profissão, nela esmorecem e dela virtualmente se distanciam."

A partir da segunda metade da década de cinqüenta, a expansão do imperialismo soviético, introduzindo no panorama mundial novos fatores de inquietação e estimulando a infiltração de comunistas em vários setores da vida nacional brasileira, deu origem a uma preocupação maior com os problemas ligados à Segurança Interna.

As Forças Armadas Brasileiras, particularmente os seus Estados-Maiores, como órgãos de planejamento que são, tiveram, inicialmente, que se adaptar a esta nova situação e, posteriormente, reformular as táticas e as técnicas de combate para poder enfrentá-la.

O ensino da Escola, como não poderia deixar de ocorrer, foi bastante influenciado pela nova conjuntura.

Data dessa época a criação da atual Seção de Ensino Um, voltada especificamente para a Segurança Interna.

Elaboração de manuais e de programas de instrução, realização de palestras para todos os níveis da hierarquia, execução de exercícios e manobras, na carta e no terreno, foram algumas das atividades diretamente desenvolvidas pelo Estado-Maior do Exército ou com a sua supervisão, visando à consolidação de uma doutrina e ao adestramento da tropa nesse novo tipo de operações.

O Tenente-Coronel J. D. Hittle, do Exército norte-americano, disse com muita propriedade em seu livro OS ESTADOS-MAIORES, que a instrução é a primeira necessidade de um verdadeiro sistema de estado-maior.

Os Estados-Maiores brasileiros dispuseram de um enorme laboratório e do ambiente propício à realização dos testes que se fizeram necessários, a começar por esta Escola, o mais alto estabelecimento de ensino do Exército, cuja relevante contribuição foi de suma importância em todas as fases do trabalho.

Assim, quando no início da década de sessenta a situação nacional começou a se desintegrar, quase levando o país ao caos, possuímos, graças aos trabalhos previamente realizados, condições doutrinárias para fazer face à ameaça que se levantava contra o País.

E foi, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, que saiu a maioria dos oficiais que constituíram, naqueles dias difíceis, os Estado-Maiores e as assessorias de inúmeros chefes revolucionários.

Eles conheciam a conjuntura nacional e tinham condições, pelos conhecimentos aqui adquiridos, de analisar e equacionar os problemas que surgissem, propondo aos seus chefes, sincera e lealmente, soluções exequíveis e benéficas para o Brasil.

## CONCLUSÕES

Acredito que ficou claro para todos nós como foi crescendo de importância, ao longo do tempo, o papel do oficial de Estado-Maior no preparo e na conduta das operações, nos diferentes escalões de comando.

De simples observadores e agentes de transmissão de ordens eles se transformaram em peças indispensáveis ao bom funcionamento dos comandos a que pertencem, graças, sobretudo, ao preparo profissional adquirido nas escolas de formação e especialização e ao respeito a certas normas de conduta, éticas e morais, que não devem violar, como sejam as que lhe impõem a Honra e a Disciplina.

Não há chefe militar sem Honra, nem Exército sem Disciplina.

A Honra representa a fidelidade ao Dever.

A Disciplina foi sempre a força principal dos Exércitos.

Um Exército forte, moral e materialmente, unido, disciplinado, atento a todos as ameaças é a garantia mais sólida da unidade da Pátria.

Nunca tais compromissos morais foram tão indispensáveis quanto agora, num mundo perturbado, sujeito aos ataques constantes da ideologia marxista, com o Movimento Comunista Internacional tomando a iniciativa das ações e explorando as vulnerabilidades existentes na condução da política internacional pelo país líder do bloco democrático.

Este fato tem levado a um enfraquecimento do mundo ocidental que necessita de uma maior cooperação em todos os campos de atividade e não apenas no militar, pois essa aliança deve se basear na unidade, esperança e coragem, amalgamadas pela vontade férrea das próprias nações democráticas.

É nesta época de incertezas, dúvidas e algum pessimismo, que precisamos depender das nossas forças morais, fundamentalmente baseadas no nosso glorioso passado, no nosso incontestável desenvolvimento histórico-cultural e nas qualidades intrínsecas de nosso povo.

A vocação ocidental do Brasil deverá levá-lo a influir e a participar cada vez mais, em razão de sua crescente importância no panorama internacional, nas decisões políticas e econômicas mundiais.

Tal circunstância, fruto de nosso desenvolvimento, está-nos nos obrigando a um esforço ingente em busca de uma estratégia que permita atingir e manter objetivos, independentemente das sempre crescentes pressões a que estaremos submetidos.

O oficial do Exército, especialmente o de Estado-Maior, estará sempre nas primeiras linhas deste combate.

Pela sua formação, civismo, que é uma atitude patriótica, e nacionalismo sadio, durante ainda certo tempo terá, fatalmente, de se envolver na solução de problemas de Segurança, interna e externa, assim como em alguns ligados ao Desenvolvimento.

Para tal, nunca será demais recomendar estudo e dedicação, na busca de cultura geral e profissional; tranqüilidade e perspicácia, na análise dos problemas; descortino e prudência, no seu equacionamento; firmeza e coragem, na tomada de decisões; humildade e grandeza, para aceitar cooperação; e, desprendimento pessoal, para colocar os altos interesses da Pátria sempre acima dos seus próprios.

Julgo que já é tempo de terminar.

Antes, porém, desejo repetir palavras proferidas pelo Marechal Montgomery, em 1954:

"E lembremo-nos que, no fim de contas, prevalece, suprema e incontestável, uma grande realidade, a maior delas: é que há neste mundo coisas que são

verdadeiras e coisas que são falsas; há caminhos certos, como há caminhos errados; há homens bons e homens maus.

Cumpre-nos decidir por um lado ou por outro, pois não podemos servir aos dois, simultaneamente.

Um célebre Comandante, após uma grande campanha, dispensou suas tropas com estas palavras:

Escolhei a quem ides servir; quanto a mim e a minha casa, serviremos ao Senhor.

Estas palavras mostram que só poderemos ter um Mundo melhor se houver homens e mulheres melhores, não existe outro caminho, nem atalho."

Em sendo assim, se percorrermos a nossa história republicana, nela ressalta a importância da Revolução de Março de 1964, que, nesses quatorze anos, não indicou atalhos, mas um longo caminho a seguir, caminho que nos vem conduzindo a um futuro digno e promissor.

É uma das nossas responsabilidades mantê-la, aperfeiçoando-a para melhor atender às aspirações do Povo Brasileiro, que guarda do seu soldado a lembrança de um homem obstinado na adversidade, generoso na vitória e a quem a Pátria, vezes sem conta, nas horas de infortúnio, deveu a segurança e a honra.

Palestra proferida na ECEME em Ago 78.

## BIBLIOGRAFIA

- HISTOIRE DE L'ARMÉE FRANÇAISE, Général Weygand, de l'Académie Française.  
 LES ETATS MAJORS, Lieutenant Colonel Hittle.  
 BRASIL EM QUESTÃO, Tarcísio Meirelles Padilha.  
 HISTÓRICO DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, EME.  
 O BRASIL DE MINHA GERAÇÃO, General A. de Lyra Tavares.  
 O SUSTENTÁCULO DA DEMOCRACIA RACIONAL, Fernando Nobre Filho.  
 REVISTA MILITAR BRASILEIRA.  
 DE DESCARTES AO GENERAL X., Perrier de La Bâthié.  
 O PAPEL POLÍTICO DAS FORÇAS ARMADAS NO BRASIL, Senador Jarbas Passarinho.  
 O ESTADO-MAIOR ALEMÃO, SUA HISTÓRIA E ESTRUTURA (2 volumes), Walter Gorlitz.  
 A CONCEPÇÃO DA VITÓRIA ENTRE OS GRANDES GENERAIS, C. L. Dervien.  
 A EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL, Cel. J. B. Magalhães.  
 CAXIAS, Afonso de Carvalho.  
 A FEB PELO SEU COMANDANTE, Marechal Mascarenhas de Moraes.  
 WAR AS I KNEW IT, Georges S. Patton Jr.  
 HISTÓRIA DE UM SOLDADO, General Omar Nelson Bradley.  
 UMA ESCOLHA, UM DESTINO (Vida do General MALAN D'ANGROGNE), General Souto Maior.  
 MARECHAL CASTELO BRANCO (SEU PENSAMENTO MILITAR), Cel. Francisco Russ Santos/  
 ECEME.